

Deepfakes: uma discussão sobre temporalidade e acontecimento nas eleições brasileiras de 2022¹

Ruana Mirele dos Santos Pereira Costa²
Cecílio Ricardo de Carvalho Bastos³
Universidade do Estado da Bahia - UNEB

RESUMO

O presente estudo tem a proposição de delinear os usos de deepfake em plataformas digitais nas eleições brasileiras de 2022, identificar as mensagens implícitas e explícitas por meio de uma metodologia de análise do visual e examinar os tipos de desinformação presentes nessas produções. A metodologia é quantiquantitativa e descritiva, com base em três eixos: análise visual de Joly (2012), métodos digitais de Omena (2019) e Bitencourt (2023) e tipologias de desinformação por Wardle (2020). A pesquisa conclui que as deepfakes fornecem subsídios informativos para compor o enquadramento dos indivíduos sobre determinado acontecimento no circuito das temporalidades.

PALAVRAS-CHAVE: Deepfakes; Temporalidades; Acontecimento; Desinformação; Eleições.

INTRODUÇÃO

Colocando-se em voga o contexto eleitoral brasileiro de 2022, as deepfakes tornaram-se uma prática rotineiramente mais requisitada nas campanhas e agendas políticas nacionais. A classe foi inventada por Ian Goodfellow, em 2014, e compõe um grupo de arquiteturas de redes neurais artificiais, cujo objetivo é a descoberta e aprendizados automáticos de padrões em conjuntos de dados.

Tais agregações de aprendizado e de assimilação e espalhamento dos elementos fundadores para a construção de uma deepfake também se tornaram comuns no ecossistema de desinformação. Dessa maneira, não raro é encontrar circundando as plataformas online, imagens, vídeos e áudios fabricados por inteligência artificial, onde fotografias simulam alterações nas suas características físicas (cabelo, cor, nariz, boca),

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GTNE11 - Desinformação, educação midiática e plataformas digitais, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Bacharela em Jornalismo em Multimeios pela UNEB-DCHIII, email: ruanamirelejornalismo@gmail.com

³ Professor do Curso de Jornalismo em Multimeios da UNEB-DCHIII, e-mail: cbastos@uneb.br

vozes de cantores são colocadas para dublar outras canções da preferência dos usuários, e rostos de pessoas originais são substituídos por feições geradas pela IA em produções audiovisuais. (Beiguelman, 2021)

No Brasil, as imagens sinteticamente fabricadas aludiam as figuras dos então candidatos à presidência do Brasil, Jair Bolsonaro e Lula, além de jornalistas, como Renata Vasconcellos, na divulgação do resultado das pesquisas eleitorais. Nesse jogo de poder e de distorção temporal, corriqueiramente os agentes humanos são colocados defronte a imagens e áudios generativos capazes de ludibriar seus sentidos e de afetar profundamente suas concepções de passado, presente e futuro.

REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Alçar reflexões teórico-metodológicas num contexto de plataformização e fabricação de deepfakes demanda um esforço de análises conjuntas que permitam dar conta de materiais inseridos numa conjuntura de visualidades. Nesse circuito, a presente monografia possui um caráter quanti-qualitativo descritivo (Lakatos e Marconi, 2010), pois assimila o conteúdo visual dentro de uma lógica de relação entre as plataformas e o sujeito social, além de abranger um trabalho de descrição e categorização de uma deepfake.

Assumindo esse pressuposto, a pesquisa traça três caminhos de análise que se entrecruzam de modo a oferecer uma visão mais contundente acerca da produção envolvendo esses materiais e suas afetações nas temporalidades. O primeiro desses trajetos pressupõe, tanto uma reflexão de análise do visual, com base na perspectiva semiótica e metodológica de Joly (2012), como uma inquirição das imagens cinéticas postulados por Bordwell e Thompson (2013). A segunda via metodológica demanda, por conseguinte, a definição das tipologias desinformacionais pensadas por Wardle (2020) e a última trilha dessa jornada perfaz a utilização dos métodos digitais, em que se re-imagina a natureza dos objetos técnicos, os mecanismos e os dados nativos das plataformas digitais, como forma de estudar a sociedade e suas especificidades dentro do universo digital). Por se tratar de um resumo expandido, optou-se por apresentar apenas os resultados da análise iconológica da amostra *Deepfake.JN*, selecionada como representativa do corpus, com o objetivo de evidenciar as principais características visuais e simbólicas observadas no estudo.

ANÁLISE

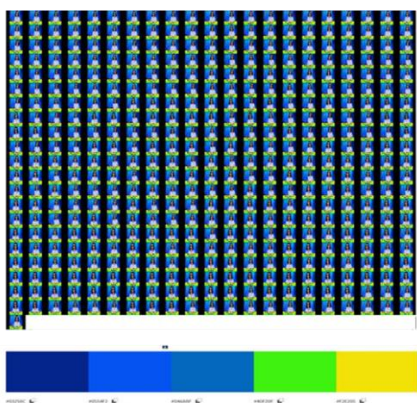
Pouco antes do primeiro turno das eleições de 2022, circulou nas redes sociais um vídeo deepfake envolvendo a jornalista Renata Vasconcellos, no qual ela anunciava falsamente a liderança de Jair Bolsonaro nas pesquisas do IPEC. A produção, que combinava trechos reais e imagens geradas por inteligência artificial, foi inicialmente disseminada no X (antigo Twitter) e rapidamente se espalhou por outras plataformas como WhatsApp, Facebook e Instagram. Paralelamente, intensificaram-se ataques à imprensa, às urnas eletrônicas e às pesquisas eleitorais, evidenciando um cenário de crescente desinformação. A análise iconográfica do vídeo, a partir de 1361 frames extraídos, revelou elementos visuais e narrativos estratégicos usados para conferir verossimilhança à montagem. (Figura 1 e 2)

Figura 1 – Frame Deepfake.JN



Fonte: Deepfake.JN

Figura 2 – Cluster 2 e sua predominância de cores



Fonte: Elaborada pela autora, 2024

Com vistas a Deepfake.JN, observa-se, por exemplo, um enquadramento que possibilita a construção de contrastes das expressões entre as imagens de Jair Bolsonaro e Renata Vasconcellos. Nele, o ex-presidente aparece numa posição de confiança, sorridente, como se o fato noticiado fosse algo que o agradasse. A aparência

também denota um ato de provocação a emissora e ao telejornal, visto que nos últimos anos, foram comuns os ataques de Bolsonaro e seus eleitores à imprensa. Já Renata Vasconcellos transpassa uma expressão mais séria, contida. São feições requisitadas pelos princípios da atividade jornalística ao se tentar passar uma informação objetiva, no caso das pesquisas eleitorais.

De antemão, quando se tem acesso ao conteúdo imagético inicial, possivelmente fará sentido a associação da imagem a um fato positivo relacionado a Bolsonaro. As referências a símbolos nacionais, como a bandeira e as cores do Brasil também são elementos que podem captar a atenção do espectador nesse cenário. Conforme aponta a análise iconográfica das cores com base em Joly (2012) e as imagens dos clusters extraídos a partir do modelo Smart Image Wall (Bitencourt, 2023), submetidas ao software Adobe Color, há a predominância dos tons verde, amarelo e azul.

Nos últimos anos, essas mesmas cores foram amplamente ressignificadas por grupos de direita como forma de simbolizar seus atos e reivindicações. Elas coloriram e acompanharam os movimentos de Bolsonaro, as pautas da ala conservadora brasileira, além de caracterizar a identidade visual dos apoiadores do ex-presidente. De um outro preâmbulo, é possível visualizar, concomitantemente, que a tonalidade azul ao fundo da jornalista Renata Vasconcellos, assume uma outra proposta de significação.

A cor azul, no âmbito jornalístico, é profusamente utilizada na programação visual dos jornais televisivos, com a finalidade de trazer harmonia e confiança (Heller, 2012). Por essa razão, ela também é percebida nos gráficos de colunas das pesquisas eleitorais que aparecem na produção. Já em menor ênfase, a cor marrom, observada ao fundo de Bolsonaro, pode ser associada a ampla utilização do tom dentro dos conteúdos visuais vinculados ao ex-presidente. Destarte, era comum visualizá-la em seu escritório particular, no gabinete presidencial, ou em locais onde eram filmados seus vídeos para propagação nas plataformas digitais.

Voltando-se para a mensagem linguística da Deepfake.JN, percebe-se muito enfaticamente o slogan ‘Deus, Pátria e Família’. A expressão advém do movimento integralista brasileiro, fundado na década de 30, que tinha como lema a defesa do conservadorismo, ultranacionalismo, militarismo e cristianismo enviesado (Dourado,

2020). Nesse contexto, a AIB (Ação Integralista Brasileira) era uma espécie de versão brasileira dos fundamentos da extrema direita que avançavam a passos largos na Europa. O termo voltou a ganhar ênfase na política brasileira, passando a representar um discurso da base eleitoral cristã-conservadora.

Observa-se, nesse sentido, uma investida do material em fornecer subsídios (instrumentalizar) e se aproximar visualmente das produções dos telejornais e suas formas de publicização das pesquisas de intenção de voto no cenário das eleições. Dessa forma, quando esse conteúdo circula em meio a outros fatos, sendo consumido pelo espectador, pode vir a compor o seu enquadramento a respeito de qual candidato estaria a frente da disputa presidencial brasileira (Goffman, 2012).

Há aí, nesse horizonte, a distorção de um acontecimento que se desenrola no momento presente, e que num futuro, poderá ser assumido enquanto uma memória tangível dessa realidade (Beiguelman, 2022). Essa distorção, dentro de um cenário de caos informacional, assume características de desinformação, com motivações políticas, conforme aponta Wardle (2020). Dessa maneira, a partir das tipologias desinformacionais elaboradas pela autora, pode-se classificar a Deepfake.JN como um conteúdo fabricado e enganoso.

CONCLUSÃO

As inquietações que emergem diante do fenômeno das deepfakes abrem um campo investigativo sobre como a instrumentalidade digital afeta a vivência cotidiana, sobretudo em contextos políticos marcados pela desinformação. No caso desta pesquisa, o foco recai sobre as eleições presidenciais brasileiras de 2022, buscando compreender como vídeos sintetizados pela mediação algorítmica atuam na distorção de temporalidades — passado, presente e futuro — ao reconfigurar o enquadramento dos acontecimentos. Para tanto, foram estabelecidos três objetivos analíticos: mapear os usos das deepfakes nas plataformas digitais, identificar mensagens implícitas e explícitas em sua construção visual e classificá-las segundo tipologias desinformacionais.

A metodologia adotada conjugou análise iconográfica e iconológica de Joly (2012) e Bordwell e Thompson (2013), métodos digitais com visualizações por Smart Image Wall (Bitencourt, 2023), e a categorização de conteúdos com base nas tipologias

de Wardle (2020). Essa triangulação permitiu verificar como determinadas produções se apropriam de signos visuais e linguísticos para simular veracidade e gerar confusão interpretativa.

Nessa investida de lançar lentes teóricas sobre o mencionado contexto, não se enseja com a pesquisa promover uma espécie de condenação às deepfakes, prevendo um ato de consumação da técnica, mas de tentar estabelecer uma reflexão fundamentada sobre os seus usos. Dessa maneira, a presente pesquisa indicia caminhos de análise da instrumentalidade digital no horizonte das temporalidades e levanta a proposição de que a literacia digital tem papel primordial na compreensão dessas estruturas

REFERÊNCIAS

- BEIGUELMAN, Giselle. **Políticas de imagem: vigilância e resistência na dadosfera**. Ubu: 2021.
- BITENCOURT, E. C. (2023). **Smart Image Walls**: Multimodel and Multimodal Deep Unsupervised Imagery Mapping Methodology (Versão 001) [Software]
- BORDWELL, D. e THOMPSON, K. **A arte do cinema**: Uma introdução. Campinas/São Paulo: Unicamp/Edusp, 2013, 768 pp.
- DOURADO, Tatiana. **Fake News na eleição presidencial de 2018 no Brasil**. 2020. 323f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas. UFBA, Salvador, 2020.
- GOFFMAN, E. **Quadros da experiência social**: uma perspectiva de análise. Editora Vozes: 2012.
- HELLER, Eva. **A Psicologia das Cores**: Como as cores afetam a emoção e a razão. São Paulo: Gustavo Gili, 2012.
- JOLY, Martine. **Introdução à Análise da Imagem**. Campinas, SP: Papirus. 14ª ed, 2012
- LAKATOS, EM; MARCONI, MA. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2010.
- OMENA, J.J. **Métodos Digitais**: teoria-prática-crítica. ICNOVA, 2019
- WARDLE, Claire. **Guia essencial da First Draft para entender a desordem informacional**. FirstDraft: 2020.